

JOÃO BATIZA JESUS

Mt 3,13-17: A necessidade de cumprir toda justiça

*Vicente Artuso**

Introdução

Os evangelhos de Mt 3,13-17 e Mc 1,9-11 narram o batismo de Jesus por João Batista. Lc 3,21-22 evita dizer que Jesus foi batizado por João Batista e refere o acontecimento, quando João já está preso. O quarto evangelho relata que João batizava o povo (Jo 3,23), e também evita dizer que João batizou Jesus. Na relação entre João e Jesus, acentua o testemunho de João, que viu o Espírito descer sobre Jesus no momento do batismo (cf. Jo 1,31-34). Jesus não é discípulo de João, embora tenha aderido ao seu movimento¹, mas é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29), que oferece a Salvação a quem se dispõe a aceitá-la. Um estudo comparativo permite perceber particularidades em cada evangelho, no estilo, linguagem, e até certo ponto na teologia. O presente artigo se limita à narrativa de Mateus, naquilo que lhe é próprio: o diálogo de Jesus com João Batista.

O Batismo de João é diferenciado do Batismo de Jesus. Enquanto o primeiro é um batismo de penitência para a conversão, o outro será o batismo “no Espírito Santo e com fogo”. Segundo o relato de Mateus, João na recusa de batizar Jesus entende que ele é quem necessita do verdadeiro batismo, anunciado por Jesus. Na perspectiva de Mateus, qual seria o sentido do diálogo entre os dois? Haverá alguma oposição entre o batismo de Jesus e o de João? Qual o alcance teológico do cumprimento da justiça em Mateus?

A missão de João que prepara a vinda do reino é seguida pela missão de Jesus que também anunciará a conversão porque o reino dos céus está próximo. Nessa perspectiva da realização do reino e sua justiça entende-se o diálogo de Jesus com João e sua disposição de ser batizado pelo precursor. O rito do batismo será uma parte da missão de João Batista a ser concluída, e ao mesmo tempo é a marca do início da missão de Jesus. Ele, ungido pelo Espírito, é apresentado como filho amado (Mt 3,17) e no seu ministério irá assumir a condição de servo (Mt 12,15-21).

* Vicente Artuso é Doutor em Teologia Bíblica e professor adjunto do Mestrado em Teologia da PUCPR em Curitiba.

1. Em favor da tese de Jesus como discípulo é invocada a fala de João Batista: “Depois de mim vem um mais forte do que eu...” (Mc 1,7). Ir atrás de alguém é uma expressão para ser discípulo. Alguns autores (I. Becker, P. Hoffmann) afirmam que, por algum tempo, Jesus pertenceu ao grupo dos discípulos do Batista. J. Gnilka discorda: “Jesus aceitou o movimento do Batista, aderiu a ele ao deixar-se batizar por João, mas não se tornou seu discípulo” (cf. GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré. Mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 80).

1. Contexto e delimitação de Mt 3,13-17

O relato do batismo situa-se na seção narrativa de Mt 3,1-4,25² que inicia com a pregação de João Batista, seguida do próprio batismo de Jesus, sua tentação, e o início do seu ministério. Pode-se perceber sua unidade temática na comparação do seu início e seu fim. O início com o ministério de João Batista (Mt 3,1-12) de forma clara anuncia a vinda de Jesus (Mt 3,11-12) e prefigura o ministério dele na Galileia (Mt 4,12-25). Mateus torna isso explícito ao apresentar Jesus que retoma a mesma proclamação de João Batista: “Convertei-vos, de fato o reino dos céus está próximo” (Mt 3,2; 4,17). Além do mais João e Jesus cumprem o que foi dito pelo profeta Isaías (Mt 3,3; 4,14-16) e ambos estão associados com a multidão de Jerusalém e da Judeia. Assim a temática principal dessa unidade poderia ser intitulada: “do ministério de João ao ministério de Jesus”. Nesse contexto, o relato do batismo de Jesus (Mt 3,13-17), tem a função de preparar o início da vida pública de Jesus. Não há dúvida que João identificou Jesus como o mais forte que ele (Mt 3,11) para expressar seu reconhecimento da autoridade de Jesus, que “batizará com o Espírito Santo e com o fogo”³. E Jesus, por sua vez, no momento em que exigiu o batismo de João, homologou e até plenificou a missão do precursor⁴.

Com um olhar mais próximo no relato do batismo de Jesus, observa-se também que a fórmula *tote* (então) que liga Mt 3,13-17 com o que precede (3,12) e com o que segue (4,1) é tênue, e despojada de uma intenção cronológica precisa. Esses dados podem indicar que os relatos da pregação de João Batista, batismo e das tentações de Jesus, eram unidades independentes na catequese primitiva e que foram utilizadas pelo evangelista na fase final da redação⁵. Além do mais há uma ausência de coerência entre o Messias juiz terrível anunciado por João (Mt 3,1-12) e aquele que se apresenta para o Batismo (Mt 3,14) e que na sua prática será manso e humilde de coração (Mt 11,29). No entanto, tendo em vista o conteúdo e unidade do Evangelho, onde a temática do juízo escatológico aparece nas palavras de Jesus, a pregação do juízo por João Batista serve como pré-anúncio da pregação de Jesus sobre o juízo final. Tanto em João como na pregação de Jesus a prática das obras será sinal de conversão e critério para escapar do castigo derradeiro e entrar no reino (cf. Mt 3,8-10; 25,34-46). O reino é a prática da justiça baseada na misericórdia e no amor, critério decisivo no juízo final (Mt 25,45). Portanto a exortação de João Batista de produzir frutos de conversão (Mt 3,8) tem relação direta com a insistência de Jesus de “ouvir e fazer” (Mt 7,24-27), “ensinar e fazer”, a fim de “ser grande no Reino dos Céus” (Mt 5,19)⁶.

2. Segundo Renzo Infante (Il Battesimo di Gesù: Mt 3,13-17 par. In: L'ACONI, Mauro e collaboratori. *Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli*. Torino: Elledici, 1999, p. 201), o relato de Mateus está inserido na seção inaugural do evangelho (Mt 3,1-4,17). Esta seção é delimitada por uma inclusão do início do ministério do Batista em Mt 3,1-3 e início do ministério de Jesus em Mt 4,12-17. O elemento chave é a proclamação da conversão que aparece em Mt 3,2 e 4,17. A delimitação de toda unidade em Mt 4,25, inclui toda a seção narrativa inicial, que apresenta em forma de síntese todo o ministério de Jesus. A seção seguinte em Mt 5,1 é discursiva com o discurso das bem-aventuranças.

3. PATTE, Daniel. *The Gospel according to Matthew*. Philadelphia: Fortress Press, 1987, p. 43.

4. Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. Porto Alegre, 2005, p. 57, nota 47.

5. Cf. SABOURIN, Leopold. *Il vangelo di Matteo: Teologia e Esegese*, Edizioni Paoline, 1976, p. 287.

6. CNBB. *Ele está no meio de nós: O semeador do reino*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 30

Quanto à delimitação da perícópe, inicia com a presença de uma fórmula de transição *tote* (então) no início (Mt 3,13). A mesma forma ocorre em Mt 4,1 que sinaliza o início do relato das tentações (a forma *tote* 93 vezes em Mt). Em Mc e Lc a forma de transição é *egeneto* (aconteceu), que também é uma forma vaga de transição de cena. Mas a perícópe do batismo em Mateus pode ser delimitada entre a pregação de João Batista e o relato da tentação, com dados mais concretos. O autor passa do discurso de João Batista no texto antecedente (Mt 3,12) para a narração do fato do batismo (Mt 3,13) cujo gênero literário é narrativo (3,13-15) e apocalíptico (3,16-17). Há uma mudança de lugar: Jesus vem da Galileia até o Jordão para fazer-se batizar (3,13). O final é caracterizado, com o deslocamento de Jesus do Jordão para o deserto onde será tentado (Mt 4,1).

2. Particularidades literárias de Mateus

O relato do batismo de Mc 1,9-11 e Lc 3,21-22 sofreu nova elaboração por Mateus. Lucas recorda o batismo de forma indireta como premissa da efusão do Espírito sobre Jesus, depois de ser batizado e enquanto orava (Lc 3,21). Marcos é também bastante sóbrio na narrativa. Jesus veio ao Jordão vindo da Galileia e foi batizado (Mc 1,9). Mateus é quem dá maior importância ao fato. Ele lembra que Jesus foi até João para fazer-se batizar por ele (Mt 3,13). Sua contribuição própria é o diálogo entre Jesus e o precursor antes do rito batismal (Mt 3,14-15). Marcos e Lucas ignoram esse diálogo entre Jesus e João⁷.

Rinaldo Fabris⁸ destaca que desde o início é mencionada a intenção de Jesus pontualizada no diálogo central, onde aparece o dito “convém a nós cumprir toda a justiça” com um valor programático. O batismo de Jesus não será uma purificação, mas um ato de Justiça (Mt 3,15). O termo *dikaiousine* (justiça) e seu cumprimento é próprio de Mateus (Mt 3,15; 5,6.20; 6,1.33; 21,32; 23,33): “buscar o reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33) é o essencial para todos os seguidores e seguidoras de Jesus. Após a resposta de Jesus a João: “deixa estar, pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3,15), a atenção do leitor se concentra na cena de revelação após o batismo. O movimento de sair “subiu” (*anebe*) da água corresponde ao movimento do Espírito de Deus “descendo” (*katabainon*) sobre Jesus. O comentário que interpreta a cena é como uma voz que ressoa dos céus e proclama a identidade de Jesus, o “Filho amado no qual Deus encontra toda sua afeição”.

3. Tradução de Mt 3,13-17

3,13: Então veio Jesus da Galileia ao Jordão até João para fazer-se batizar por ele.

3,14: João, porém, queria impedi-lo, dizendo: “Eu tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim?”

7. SPINETOLI, Ortensio da. *Matteo*. Assisi: Citadella editrice, 1978, p. 76-77

8. FABRIS, Rinaldo. *Matteo*: Traduzione e commento. Roma: Edizioni Borla, 1982, p. 82

3,15: Respondendo, porém, Jesus disse a ele: “Deixa agora, assim de fato é apropriado a nós cumprir toda justiça”. Então deixou-o.

3,16: Porém Jesus, tendo-se feito batizar, imediatamente subiu da água. E eis que se abriram a ele os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

3,17: E eis que se ouviu uma voz dos céus dizendo: “Este é o meu Filho amado, no qual eu me comprazo”.

4. Organização do texto

Feitas algumas observações sobre o estilo de Mateus, propomos uma estrutura em três partes⁹:

I. Introdução: Protagonistas do fato e lugar do batismo: Mt 3,13

Jesus vindo da Galileia se apresenta a João para fazer-se batizar.

II. Diálogo entre João e Jesus: Mt 3,14-15

Significado e objetivo do batismo de Jesus: cumprir toda a justiça

III. Cena de revelação no batismo de Jesus: Mt 3,16-17

a) Visão de Jesus: céu aberto e descida do Espírito de Deus;

b) Voz de revelação-apresentação vinda do céu: “Este é o meu Filho amado”.

5. Interpretação

5.1. Jesus vem para o batismo (Mt 3,13)

Segundo Mt 3,1, João Batista veio anunciando no deserto da Judeia, em Mt 3,13 ele se encontra nas margens do Jordão. Marcos e Mateus relatam que Jesus vinha de Nazaré da Galileia (Marcos). Em Mateus, “Jesus vem da Galileia porque a fama de João tinha atingido todos os limites do território, ultrapassando as informações de Mt 3,6, de que o povo vinha de Jerusalém, Judeia e das regiões do Jordão”¹⁰.

Lucas faz de Jesus um dos numerosos candidatos ao batismo entre todo o povo (3,21). Esse movimento (*paraginetai*) de Jesus, vir até João mostra também a necessidade do batismo e a solidariedade de Jesus com os pecadores que vinham até o Jordão, onde João pregava e batizava (Mt 3,5-6). Mateus insiste na intenção da vinda de Jesus

9. A estrutura é proposta por: FABRIS, Rinaldo. *Matteo*, p. 82; INFANTE, Renzo. *Il Battesimo di Gesù* (Mt 3,13-17). In: LÀCONI, Mauro e Collaboratori. *Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli*, p. 200.

10. MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*, p. 58.

“para fazer-se batizar”. O autor nada diz quanto ao sentido que Jesus queria dar ao batismo. Este sentido só será revelado em Mt 3,17 após o diálogo com o Batista¹¹.

5.2. Diálogo entre João e Jesus (Mt 4,14)

No contexto da atuação de João Batista, Jesus não estava sozinho para o Batismo. De vários lugares o povo chegava e então “eram batizados por ele, confessando seus pecados” (Mt 3,6). E Jesus veio também para esse batismo. Lucas relata que Jesus era batizado em meio a todo povo que recebeu o batismo (Lc 3,21). Portanto era uma participação em um batismo coletivo, como alguém que não se distingue dos outros que eram batizados com Ele (Jo 1,26.31)¹². A temática da pregação de Jesus após o batismo, em relação à exigência da conversão não se distancia da pregação de João. Em Marcos e Lucas o rito do batismo de João era “um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados” (Mc 1,4; Lc 3,3). Em Mateus João batiza com água para a conversão (Mt 3,11). Portanto, na temática da conversão há continuidade na pregação de João e Jesus. Jesus também irá pregar o arrependimento (Mc 1,15; Mt 3,2). No momento do batismo de Jesus, a novidade de Mateus é a inserção do diálogo de João com Jesus. João fazia oposição (Mt 3,14a). O verbo *diekoluen*, no imperfeito revela a insistência da oposição de João. A segunda parte do versículo é interrogativa, porém tem valor de uma oração exclamativa. João diz: “Eu tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mt 3,14b). Foram dadas diferentes interpretações a esta desculpa do Precursor:

1) De acordo com o texto, João queria expressar que, como pecador igual aos outros, é ele que deve ser batizado com batismo de penitência¹³. O diálogo também mostra que o batismo de João é inferior e tem um caráter preparatório em vista da remissão dos pecados, para depois receber em plenitude os dons do Espírito¹⁴ através do batismo no Espírito e com fogo.

2) Mateus teria uma preocupação apologética, de defesa da superioridade e messianidade de Jesus. O objetivo do autor se propõe a eliminar apreensões ou mal-estar da comunidade primitiva diante da sujeição do Messias ao Batista. O rito do batismo levava a supor uma subordinação de Jesus a João Batista. Isso constituía certo escândalo e obstáculo à fé. Para acabar com as dúvidas e incertezas o autor do Evangelho atribui a Jesus a iniciativa do batismo e insere o diálogo entre o Messias e o precursor. Nesse diálogo João Batista acaba concordando com Jesus da necessidade de também Ele ser batizado como todos os outros¹⁵.

3) A recusa de João Batista serve para sublinhar a oposição entre o batismo messiânico ou cristão e o batismo judaico. O protesto em Mt 3,14 é bem mais que um res-

11. BONNARD, Pierre. *Evangelio segun San Mateo*. Madri: Cristiandad, 1983, p. 63.

12. JEREMIAS, Joachin. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 85.

13. BONNARD, Pierre. *Evangelio segun San Mateo*, p. 64.

14. LEGASSE, Simon. *Naissance du Baptême*. Paris: Ed. Cerf, 1993 (Lectio Divina, 153), p. 68.

15. SPINETOLI, Ortensio. *Matteo*, p. 77.

peitoso reconhecimento da superioridade do Messias. É a contraposição da antiga aliança com a vida no Espírito. Para a comunidade de Mateus, a recusa de João Batista é um convite ao novo rito batismal: o batismo prometido por Jesus no Espírito Santo e no fogo (Mt 3,11). Com efeito, é Jesus enquanto Messias que tem o poder de batizar com o batismo no Espírito Santo.

5.3. Objetivo do batismo: cumprir toda a justiça

Diante do questionamento e recusa de João Batista em batizar Jesus (Mt 3,14b), Jesus responde: “Deixa, justamente agora, de fato, é assim apropriado a nós cumprir toda a justiça” (Mt 3,15). Chama a atenção o advérbio *arti* (agora), que indica um tempo imediato, no presente. Portanto “é apropriado (*éstin prepon*) a nós cumprir toda a justiça”. A realização do batismo é conveniente, porque é o melhor no momento em vista do cumprimento da justiça, pois o tempo se completou, o reino está próximo (Mc 1,14-15; Mt 4,17). Segundo Günther Bornkamm, “Jesus jamais é opositor de João, ao contrário pronuncia-se favorável a João (Mc 11,27-33) e une a própria missão com a do Batista”¹⁶. Jesus e João estão juntos no programa da realização da justiça do reino.

A justiça se expressa em atos humanos de Jesus, como foi sua solidariedade com os pecadores, pelo fato de submeter-se ao batismo de João para a conversão. João Batista pregava a necessidade de produzir “frutos dignos de conversão” (Mt 3,8). Certamente será a prática das obras de Justiça, que fará do povo filhos de Abraão (cf. Mt 3,9). Conforme a maior parte de intérpretes, a intenção do termo *dikaiousine* em Mt 3,15, assim como em Mt 5,10.20; 6,1, é expressar a ação humana. Conforme Ulrich Luz, este sentido de justiça corresponde aos escritos de Qumran e a literatura Tanaitica, onde, diferente de *sedeq* (justiça) no Antigo Testamento, o termo se torna uma norma ética e religiosa com referência à conduta humana¹⁷. Portanto, a resposta de Jesus às objeções de João contém a preocupação teológica do Evangelho de Mateus, pois são as primeiras palavras colocadas na boca de Jesus. A frase indica que os leitores ou ouvintes conheciam a história do batismo de Jesus, sem a sentença programática sobre a necessidade de cumprir toda a justiça. A reelaboração teológica de Mateus introduz os leitores na dinâmica do reino, que é a prática da justiça. Em última instância para Mateus, Jesus, que aceita o batismo de quem é menor, será revelado como Filho de Deus, e o verdadeiro justo que pratica a vontade de Deus¹⁸. A resposta de Jesus nesse caso é também um apelo para o cumprimento da lei, não estritamente do Antigo Testamento, que obviamente não ordena o batismo de João, mas no sentido da inteireza da vontade de Deus como é interpretada no Evangelho de Mateus. O termo *pasa dikaiousine* (toda justiça) não indica a especial justiça a ser cumprida apenas por Jesus”, mas “tudo o que é justo”. “Toda justiça” não isola Jesus dos cristãos, para os quais é deter-

16. BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. Edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Teológica, 2005, p. 93.

17. LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7. A commentary*. Edinburgh: T & T Clark, 1989, p.177. Há quem interprete o termo “justiça” em Mateus como “a ação de Deus com seu povo eleito, cuja medida Jesus levou a pleno cumprimento” (Ljungmann).

18. Cf. LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7*, p. 174.

minada uma justiça mais alta (Mt 5,20) que supere a prática dos escribas e fariseus. Os cristãos no Evangelho têm sede e fome de Justiça (Mt 5,6) e devem procurar antes de tudo o Reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33). Com efeito foi ordenado observar tudo o que Jesus ensinou (Mt 28,20). Essa observância plena liga Jesus aos cristãos, assim como Jesus está ligado a João Batista na prática da justiça (cf. Mt 3,15: “convém... a nós...cumprir toda a justiça”).

“Toda justiça” não consiste na realização do batismo de João enquanto rito. O batismo foi associado à teologia de Mateus como ocasião para revelar Jesus e seu compromisso, e como lugar em que ele inaugura o seu ministério. Quando Jesus se submete ao batismo, ele se insere como membro do novo povo de Deus e ali tem a vivência de sua vocação¹⁹. Portanto o batismo é o momento mais adequado em que a frase: “convém a nós cumprir toda justiça” (Mt 3,15) recebe um caráter programático: Jesus obediente à vontade de Deus se torna protótipo e exemplo para os cristãos a partir do batismo²⁰. Nesse sentido “toda justiça”, segundo Leopold Sabourin, “tem o significado da execução plena da vontade de Deus, uma contribuição com todas as forças, uma disposição plena à salvação de Deus, projetada por Jesus, segundo a “sua justiça”²¹. Com razão A. Descamps explica “a justiça” nesse texto como sinônimo de “Lei e Profetas”. Trata-se da justiça que deve ser praticada, isto é, da justiça da Lei²², na sua inteireza, e que supera a letra. No fato de Jesus cumprir a lei e não apenas o rito, põe fim a essa mesma lei e a substitui pela justiça que não vem da lei, mas a que vem do Espírito²³. Por isso no texto é especificado que se trata de “toda justiça”.

A preocupação de dar cumprimento de toda justiça está presente com o verbo *pleroun* (cumprir plenamente) que aparece onze vezes em Mateus para indicar a plena realização das exigências da lei em Jesus. Ele não veio para abolir a lei, veio dar-lhe o pleno cumprimento (Mt 5,17; 3,15). Portanto, com esse verbo Mateus não exprime somente a execução ou atuação de uma norma, mas sublinha a ideia de pleno cumprimento. Assim, segundo Rinaldo Fabris, na base do vocábulo “justiça” confluem duas conotações na tradição bíblico-judaica: a) a vontade de Deus que revela e atua seu projeto conforme suas promessas e com as exigências correspondentes; b) a plena e ativa conformidade do ser humano a esta vontade divina²⁴, expressa na Lei e nos profetas.

5.4. A revelação do justo Filho de Deus (Mt 3,17)

Mt 3,16-17 relata a cena teofânica no batismo de Jesus. “Jesus, tendo-se feito batizar, imediatamente subiu da água” (Mt 3,16a). Jesus, de fato, fez-se batizar, isto é,

19. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*, p. 82. Para o autor, o batismo não é somente inauguração da atividade pública, mas o momento da vocação de Jesus tendo recebido o Espírito (cf. p. 86-87).

20. Cf. LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7*, p. 178.

21. SABOURIN, Leopold. *Il Vangelo di Matteo*, p. 290-291.

22. DESCAMPS, A. Les justes et la justice dans les évangiles et le christianisme primitif, hormis la doctrine proprement paulinienne. Apud DUQUOC, Christian. *Cristologia: O Homem Jesus*, p. 44.

23. Cf. DUQUOC, Christian. *Cristologia: O homem Jesus*, p. 44.

24. Cf. FABRIS, Rinaldo. *Matteo*, p. 83.

submergiu (Mc 1,9; Lc 3,21) desceu nas águas e depois subiu. Trata-se do banho da imersão. Esta ideia está presente também em Lc 3,7, onde se diz que os batizados submergiam-se na presença do Batista. Como no caso do batismo dos prosélitos, o batizador exercia a função de testemunha²⁵. Jesus submergiu-se e no momento que subiu da água “os céus se abriram e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele”. A abertura dos céus em Ez 1,1 e Ap 4,1 no gênero apocalíptico mostra que o vidente tem acesso aos segredos dos mistérios divinos. No batismo a abertura dos céus (Mt 3,16) ou o rasgar-se os céus (Mc 1,10) significa que a comunicação entre o céu e a terra é restaurada e que o Espírito de Deus pode descer sobre a terra e estabelecer-se em primeiro lugar sobre Jesus (Jo 1,33)²⁶. Essa comunicação do Espírito e descida sobre Jesus faz dele mensageiro de Deus. Mas a vocação de Jesus se distingue das vocações dos profetas do Antigo Testamento pelo retorno do Espírito que se apagara, retorno que dá ao evento caráter escatológico. O derramamento e repouso do Espírito que desce, do espírito do entendimento e da santificação, e da dignidade da filiação divina, tudo isto é uma forma de descrever a plenitude dos dons e o começo dos tempos da salvação²⁷. Jesus, recebendo o Espírito, inaugura sua missão profética. Deus ungiu Jesus de Nazaré em Espírito e poder, de modo que Ele passou fazendo o bem e curando todos aqueles que estavam sob o poder do diabo (At 10,38). A imagem da pomba é enigmática e no contexto do Batismo exprime a permanência do Espírito de Deus sobre Cristo, reconhecido pela proclamação divina como “filho único”. “Assim como o Espírito de Deus adejava sobre a superfície da água (Gn 1,2) semelhante a uma pomba que cuida dos filhotes sem os tocar, e não os abandona²⁸, também o Espírito de Deus desceu sobre Jesus e manteve-se sobre ele²⁹”.

O elemento importante e essencial da cena do Batismo é a voz que vem do céu e manifesta a proclamação divina: “Este é meu filho amado, no qual eu me comprazo” (Mt 3,17; Mc 1,11; Lc 3,22). Autores viram nessa frase uma citação mista do Sl 2,7 (“Tu és meu filho, eu hoje te gerei”) e Is 42,1 (“Eis meu servo que eu sustento, meu escolhido no qual tenho complacência”) ou também Is 53,12 onde o servidor é contado entre os pecadores, como Jesus também iria se associar aos pecadores que vinham ao batismo de João em vista do perdão dos pecados. Com base nessas passagens vários autores, sob a influência de Oscar Cullmann e Joaquim Jeremias, opinam que em lugar de *uiós* (filho) a versão primitiva do Evangelho tinha *pais* (servo). Quanto ao uso do Sl 2,7, é razoável pensar, sugere Pierre Bonnard, que tenha existido um uso pré-canônico em favor da messianidade de Jesus, e sua entronização como rei escatológico³⁰. Quanto ao possível uso do termo “servo” com base em Is 42,1, sugere Schweizer que Mateus

25. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*, p. 84.

26. Cf. SABOURIN, Leopold. *Il vangelo di Matteo*, p. 294.

27. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*, p. 87.

28. Comentário Judaico de Gênesis atribuído a Rabi Ben Zoma do séc. I depois de Cristo, no Talmud Babilonense, Hagigah 15^a. Apud: FABRIS, Rinaldo, p. 85.

29. Em comentários de textos bíblicos da tradição judeu-cristã antiga, a presença e ação do Espírito é comparada ao voo das pombas. Porém os textos bíblicos sobre as pombas jamais fazem menção do Espírito (Gn 8,8-12; Ct 2,14; 5,2; 6,9; Os 11,11; Is 60,8; Eclo 43,14-18).

30. BONNARD, Pierre. *Evangelio segun San Mateo*, p. 65; DODD, C.H. *Conforme as Escrituras*, p. 35-38.

desejava combater uma ideia triunfalista do Filho de Deus. A figura do servo sofredor de Isaías serviria para corrigir o messianismo judaico. Difícil provar o uso subjacente de Sl 2,7 e Is 42,1 como tentativa de intérpretes do primeiro século de ter combinado os dois textos como se referissem ao mesmo personagem (filho e servo) em Mt 3,17. É preferível seguir o texto que não traz o termo “servo”, mas “filho amado” (Mt 3,17, Mc 1,11; Lc 3,22)³¹. Quanto ao termo “filho”, no Antigo Testamento e na tradição judaica se diz de Israel Filho de Deus (Ex 4,22-23; Jr 31,9.20; Os 11,1; Jubileus 1,24-25; Sl 18,4; 4Esd 6,58; Abot, 3,18). Também o rei ou o Messias são Filhos de Deus (2Sm 7,14; 1Cr 17,13; 22,10; 28,6; Sl 2,7; 89,27-28) e alguns tipos individuais, profetas ou sábios (Eclo 4,10; Sb 2,13.16.18). No entanto nesses textos não aparece “amado” (*agapetós*).

Pois bem, o adjetivo grego *agapetós* (amado) tem nuances particulares. No grego profano há exemplos onde ele é usado com a nuance de “único”, especialmente quando se trata de filiação (na *Iliada*, 6,301 e *Odisseia* 2,365), sendo sinônimo de *monogenês* (unigênito). Na LXX, o mesmo adjetivo “amado”, de vinte e duas ocorrências, sete vezes traduz a ideia de um amor único ao filho ou filha (seis vezes para o hebraico *yahid*)³². Portanto Jesus é o filho de Deus, e amado também com um amor único que só Deus Pai pode amar. A voz celeste se dirige a Jesus, e a Ele só, para lhe dizer que é Filho amado e para dizer aos leitores o que devem saber sobre Jesus. Mas esta relação única é ordenada em vista da missão, pois o Espírito de Deus desceu sobre Ele e o consagrou (Mt 3,16).

Segundo Ulrich Luz³³, para Mateus o Filho de Deus não é apenas aquele que foi revelado do céu (cf. Mt 2,15; 16,16; 17,5), mas o obediente que se sujeita a si mesmo à vontade de Deus. Isso é tão importante que ele repete como a ideia principal a obediência de Jesus a Deus na história seguinte das tentações (Mt 4,1-12). É precisamente a esta obediência de Jesus que Deus responde com a proclamação: “Este é meu filho amado”. Por isso que a voz vinda dos céus é o ponto culminante de toda a apresentação de Jesus. O Batismo é a revelação do justo filho de Deus, que buscou sempre a vontade de Deus. Ele sendo Filho aprendeu a obediência e por isso foi exaltado.

6. O Batismo de Jesus à luz do mistério pascal

Há também explanações cristológicas do cumprimento de toda a justiça que vão além dos limites do texto. Para São João Crisóstomo, “cumprir toda a justiça” significa que “Jesus cumpriu inteiramente a lei do Antigo Testamento em vista de ser capaz de eliminá-lo”. Para Theodore Heráclea, “Jesus, que é perfeito conforme a lei, veio por meio do batismo de João para ser o fim da lei”. Que Jesus permite a si próprio de ser batizado é uma expressão exemplar da sua obediência ao Pai e da sua justiça. Segundo Beda, o Venerável, e São João Crisóstomo, com o Batismo de Cristo “os crentes apren-

31. De acordo com LÉGASSE, Simon. *Naissance du Baptême*, p. 61.

32. *Ibid.*, p. 62.

33. LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7*, p. 180.

dem que ninguém existe como pessoa perfeitamente justa sem o batismo”³⁴. Portanto o batismo é necessário para a justificação.

Cumprir destacar a interpretação do batismo de Jesus ligado à sua paixão e ressurreição. No século II Inácio de Antioquia escreve: “Jesus Cristo foi batizado para purificar a água através da paixão”. Desde então o batismo de Jesus torna-se símbolo antecipado de sua morte³⁵. Desta forma é acentuado o cumprimento de toda a justiça, pela obediência que culmina na morte de cruz. Assim o batismo de João na água, comenta Bento XVI³⁶, torna-se pleno e perfeito com o batismo de Jesus na vida e na morte. Todo significado do batismo de Jesus, o seu “cumprir toda a justiça”, se revela na cruz. O batismo é aceitação da morte pelos pecados da humanidade, pois Jesus com sua obediência tomou sobre seus ombros o peso dos pecados de toda humanidade. Mas a voz dos céus “Este é meu filho bem amado” (3,17) é já um chamado de atenção para a ressurreição, pela qual Cristo será glorificado à direita do Pai. Ao comentar a compreensão do batismo de Jesus na liturgia da Igreja oriental, Bento XVI destaca a relação entre o conteúdo da festa da Epifania e o mistério pascal. Na palavra de Jesus “convém que se cumpra toda justiça” (Mt 3,15) a teologia oriental vê a antecipação da palavra no Getsêmani: “Pai... não se faça a minha vontade, mas a tua” (Mt 26,39). A iconografia oriental mostra a água como um túmulo. A descida de Jesus a este túmulo é a descida ao reino dos mortos, e sua subida é a ressurreição. Aqui, Bento XVI prossegue ancorado nos Santos Padres. Diz São Cirilo de Jerusalém que “Jesus, tendo mergulhado na água, prendeu o que era forte (cf. Lc 11,22). São João Crisóstomo escreve: “Mergulhar e emergir são representação da descida ao inferno e da ressurreição”³⁷. Portanto, à luz da teologia paulina (Rm 6,1-14) a tradição litúrgica fez uma relação do batismo narrado por Mateus com a morte e ressurreição de Jesus. Ele desejou cumprir toda a justiça, e cumpriu ao resgatar a humanidade mediante sua obediência até a morte de Cruz. Paulo sem falar de João Batista mostra a relação íntima do batismo com o mistério pascal: “Pelo batismo, nós fomos sepultados na morte com Cristo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6,4). “No simbolismo de subir da água do Jordão, Jesus deixa uma condição mais baixa e passa para uma situação superior. Enquanto estava nas águas, Jesus estava na mesma condição de João; mas “subindo” desse nível ele assume a própria condição”³⁸. A subida (*anabainon*) pode ser a imagem da sua exaltação como Filho de Deus à direita do Pai mediante sua ressurreição e glorificação. Ele, glorificado à direita do Pai, podia ser apresentado na teofania batismal, como o Filho muito amado. No ato de Jesus sair das águas e colocar os pés em terra firme, comenta Isidoro Mazzarolo, “a vinda do Espírito sobre Jesus aponta também para um novo Gênesis, pois acontece a abertura dos céus para a recriação da vida a partir da justiça divina”³⁹.

34. Cf. LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7*, p. 74-75.

35. LÉGASSE, Simon. *Naissance du Baptême*, 1993, p. 57.

36. Cf. RATZINGER, Joseph. BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Planeta, 2007, p. 34.

37. *Ibid.*, p. 35.

38. MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*, p. 59.

39. MAZZAROLO, Isidoro. *Ibidem*.

Nessa perspectiva o batismo, ligado ao mistério pascal, aponta para a páscoa de toda a criação que também anseia pela libertação em vista de participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8,18-23).

A relação do batismo com a paixão é apontada ainda em Lc 12,40-50. Cristo recebe um batismo e vive na angústia até que ele seja consumado. Trata-se do batismo na morte e ressurreição. Segundo Christian Duquoc⁴⁰, “o fato de que Jesus deva receber um novo batismo significa que a vinda do Espírito inaugurada no Jordão só acontecerá após a morte e ressurreição de Jesus”. Os discípulos não entenderam a dimensão pascal do batismo que inclui aceitação da vontade de Deus até o fim. Quando Jesus lhes perguntara: “Podeis beber o cálice que eu vou beber e ser batizados com o batismo que eu vou ser batizado”?, eles responderam: “Podemos” (Mc 10,38-39). Foi necessária uma sólida instrução sobre as condições do discipulado durante a subida para Jerusalém para mostrar-lhes que a cruz fazia parte do seguimento. Mesmo assim, ainda tinham dúvidas e não haviam entendido as exigências do seguimento. A instrução de Jesus deixou claro que é necessário até perder a vida por uma causa para ganhá-la (cf. Mc 8,35). Viver a justiça do reino como batizados é seguir Jesus no serviço e na obediência ao Pai, enfrentando os desafios e as cruzes na caminhada.

Conclusão

1) O batismo de Jesus por João inaugura tempos novos, o início da missão profética com a unção do Espírito, daí sua importância de ser narrado nos sinóticos e testemunhado no Evangelho de João. O momento destaca a volta da profecia, pois os céus se abriram novamente e o Espírito foi enviado. O diálogo de Jesus com o Batista revela a humildade de João, e ao mesmo tempo autentica sua missão. Isso acontece no desejo de Jesus de fazer-se batizar, e na submissão ao batismo de João.

2) O cumprimento da justiça vai além do rito do batismo de João, pois é obediência à vontade de Deus por meio de obras de justiça e conversão. Faz parte do programa de Jesus no discurso da montanha: “buscar o Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33). O cumprimento se expressa na observância de toda a Lei, na sua inteireza (*pleroun*). A conveniência de cumprir toda justiça (Mt 3,15) é tarefa de Jesus e João: “convém a nós”, mas também é anunciada a todos. Na verdade Jesus ao ser batizado se solidarizou com o povo que buscava a conversão e mostrou a partir de então a prática de uma justiça maior (Mt 5,20). Fazendo-se um com os outros, Ele é “Filho amado” que assumiu a condição de servo obediente e por isso foi exaltado. Nele Deus encontra toda sua afeição.

3) Com a teofania que segue o batismo, as relações das pessoas divinas aparecem como relações únicas e permanentes no amor de Deus por Jesus, e na vinda e presença do Espírito sobre Jesus que o consagra para a missão. Por seu lado, o Filho que se relaciona com Deus na obediência até a morte e morte de cruz cumpre a vontade de Deus. Esse homem é Filho de Deus (Mt 27,54), é realmente justo (Lc 23,47) e por isso foi

40. DUQUOC, Christian. *Cristologia: O Homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 1977, p. 45.

exaltado triunfando da morte. Deus amou seu Filho Jesus, que lhe foi obediente e fiel a sua vontade até o fim.

Referências bibliográficas

- BONNARD, Pierre. *Evangelio segun San Mateo*. Madri: Cristiandad, 1983.
- BORNKAMM, Gunter. *Jesus de Nazaré*. Edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Teológica, 2005.
- DUQUOC, Christian. *Cristologia: O Homem Jesus*. São Paulo: Loyola, 1977.
- CNBB. *Ele está no meio de nós: O semeador do reino*. São Paulo: Paulus, 1998.
- FABRIS, Rinaldo. *Matteo: Traduzione e commento*. Roma: Edizioni Borla, 1982.
- GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré. Mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JEREMIAS, Joachin. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- HENDRIKSEN, William. *The Gospel of Matthew*. Edinurgo: Ed. The Banner of Truth Trust, 1974.
- LÀCONI, Mauro e Collaboratori. *Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli*. Torino: Editrice Elledici, 1999 (Logos – Corso di studi biblici 5).
- LÉGASSE, Simon. *Naissance du Baptême*. Paris: Ed. Cerf, 1993.
- LUZ, Ulrich. *Matthew 1-7. A commentary*. Edinburgh: T & TClark, 1989.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. Porto Alegre, 2005.
- PATTE, Daniel. *The Gospel according to Matthew*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.
- RATZINGER, Joseph. BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Planeta, 2007.
- SABOURIN, Leopold. *Il vangelo di Matteo: Teologia e Exegese*. Edizioni Paoline, 1976.
- SPINETOLI, Ortensio da. *Matteo*. Assisi: Citadella editrice, 1978.

Vicente Artuso
Rua Orlando Maimone, 85
86046-530 Londrina, PR
vicenteartuso@gmail.com